

29º SIMPÓSIO ESPÍRITA “A LUZ DIVINA”

A OBRA DE ANDRÉ LUIZ

UM APRENDIZ NO PLANO ESPIRITUAL

11/04/2015

Revendo o leque de assuntos versados e vividos por André Luiz, nos deparamos com uma enciclopédia. Os assuntos e diálogos tratados em suas obras são tão extensos e intensos que têm como objetivo maior, retratar as condições reais em que ele viveu, tudo o que aprendeu e que pode vir a servir de exemplos para nós, peregrinos da evolução.

Contaremos inicialmente uma historia para indicar a direção e o conteúdo que queremos ressaltar, através das experiências selecionadas pelas quais passou o nosso homenageado.

Façamos um paralelo com nossas experiências vividas na presente vida. Avaliemo-nos se necessitamos de alguns ajustes em nossas ações e comportamentos. Analisemos se ainda nos faltam maiores informações sobre a vida eterna, a vida do espírito, e se a resposta for “sim”, ainda temos tempo para começar a mudar o rumo da nossa vida e, possivelmente, se corrigido o nosso modo de ser, de agir e de viver, não precisaremos passar pelas dificuldades pelas quais passou André Luiz, quando do retorno à Pátria Espiritual.

A escrita das suas narrações abeira-se a romance, de fácil entendimento e é contagiante de se ler, convidando-nos a prosseguir, prendendo-nos até a última página do livro. Cumpre integralmente as propostas de cada obra, relatando fielmente as suas experiências, às vezes agradáveis, às vezes amargas, às vezes dolorosas, mas, mantendo-se sempre fiel à realidade vivida.

Decidimos então, pinçar alguns trechos que marcaram os momentos iniciais dessa trajetória luminosa, numa sequência natural das passagens vividas e relatadas pelo querido amigo nas situações de pós desencarne, com o objetivo de focar uma sequência de eventos que foram alimentando esse espírito e fortalecendo paulatinamente a sua vontade de mais aprender para poder mais servir.

Quando do despertar na Espiritualidade, após o desenlace das energias que o prendiam na matéria, André Luiz relata:

Eu guardava a impressão de haver perdido a ideia de tempo. A noção de espaço se esvaíra da minha mente há muito.

Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos.

Desde quando me tornara joguete de forças irresistíveis? Impossível esclarecer.

Sentia-me, na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror. Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível senhoreando-me, muita vez gritei como louco, implorei piedade exclamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito; mas, quando o silêncio implacável não me absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores que os meus respondiam-me aos clamores. Outras vezes gargalhadas sinistras rasgavam a quietude ambiente. Algum companheiro desconhecido estaria, a meu ver, prisioneiro da loucura. Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animais surgiam, de quando em quando, agravando-me o assombro. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacenta, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe.

E a estranha viagem prosseguia... Com que fim? Quem o poderia dizer? Apenas sabia que fugia sempre... O medo me impelia de roldão. Onde o lar, a esposa, os filhos? Perdera toda a noção de rumo. O receio do ignoto e o pavor da treva absorviam-me todas as faculdades de raciocínio, logo que me desprendera dos últimos laços físicos, em pleno sepulcro!

Atormentava-me a consciência: preferiria a ausência total da razão, o não-ser.

De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio. Seres monstruosos acordavam-me, irônicos; era imprescindível fugir deles.

Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poeira do mundo e, todavia, era tarde. Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Mal delineava projetos de solução, incidentes numerosos

impeliam-me a considerações estonteantes. Em momento algum, o problema religioso surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, se me figuravam agora extremamente secundários para a vida humana.

Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra, masurgia reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações transitórias e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação. Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgiu, contudo, tardiamente.

De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muita vez folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. Identificava-as através da crítica de escritores menos afeitos ao sentimento e à consciência, ou em pleno desacordo com as verdades essenciais.

Noutras ocasiões, interpretava-as com o sacerdócio organizado, sem sair jamais do círculo de contradições, onde estacionara voluntariamente.

Filho de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhara os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguiu situações estáveis que garantissem a tranquilidade econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência.

Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas não lhe retribuía ceutil do débito enorme. Tivera pais, cuja generosidade e sacrifícios por mim nunca avaliei; esposa e filhos que prendera, ferozmente, nas teias rijas do egoísmo destruidor. Possuía um lar que fechei a todos os que palmilhavam o deserto da angústia. Deliciara-me com os júbilos da família, esquecido de estender essa bênção divina à imensa família humana, surdo a comezinhos deveres de fraternidade.

Enfim, como a flor de estufa, não suportava agora o clima das realidades eternas. Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor

da Vida colocara em minh'alma. Sufocara-os, crimosamente, no desejo incontido de bem estar. Não adestrara órgãos para a vida nova. Era justo, pois, que aí despertasse à maneira de aleijado que, restituído ao rio infinito da eternidade, não pudesse acompanhar senão compulsoriamente a carreira incessante das águas; ou como mendigo infeliz, que, exausto em pleno deserto, perambula à mercê de impetuosos tufões.

Oh! Amigos da Terra! Quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração?

Imaginemos, por instantes, quanto este irmão sofreu com o despertar da sua consciência. Quantas oportunidades este Espírito teve, enquanto encarnado, para elevar-se. Mas, como bem dissera ele:

"Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor da Vida colocara em minh'alma".

Os valores familiares foram desvirtuados, seja como filho, como companheiro, como pai. Os valores humanitários foram isolados da sua vida e da sua família, esquecendo-se de repartir o pão que lhe era generoso. Os valores espirituais eram tratados de maneira banal, servindo apenas como pretexto para discussões vãs. E, vivendo exclusivamente para si, teve a sua saúde abalada.

Guardemos em nosso íntimo o apelo que André Luiz endereçou a cada um de nós, seres eternos, estagiando em mais uma experiência terrena, em pleno século XXI. Disse ele:

Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois.

E, continua o seu relato:

Suicida! Suicida! Crimoso! Infame!" - Gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas

feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra.

Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava.

Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se aos meus olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar ideias.

Desejava ponderar maduramente a situação, esquadriñar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorteavam-me irremediavelmente.

- Que buscas, infeliz! Aonde vais, suicida?

Tais objurgatórias (censuras), incessantemente repetidas, perturbavam-me o coração. Infeliz, sim. Mas, suicida? - Nunca! Essas increpações (acusações) a meu ver, não eram procedentes. Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava meu porfiado duelo com a morte.

Ainda julgava ouvir os últimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saúde; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram à delicada operação dos intestinos.

Mais adiante, André Luiz continua relatando:

Firme e resoluto a princípio, comecei por entregar-me a longos períodos de desânimo e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o próprio fim, senti que as lágrimas longamente represadas visitavam-me com mais frequência, extravasando do coração. A quem recorrer?

André Luiz sofreu ainda, por longo tempo, o assédio das entidades das trevas, no ambiente umbralino, bem como, eram mantidas as suas necessidades fisiológicas. A fome e a sede eram constantes. Forças

correspondentes à adrenalina o mantinha atento, correndo ou se escondendo de “seres animais” que às vezes se moviam em bando.

E continua relatando:

Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. E essa idéia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico.

E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amarguosa emergência.

Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei à súplica, de mãos-postas, imitando a criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Estaria, então, completamente esquecido? Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconsciente se protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes?

Ah! é preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança.

Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou:- Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.

Clarêncio, o benfeitor bondoso, acompanhado de outros dois cooperadores, acolhem e transportam André Luiz para a Colônia Espiritual “Nosso Lar”.

“Nosso Lar” é um local plasmado no Plano Espiritual, pelos espíritos superiores, com a finalidade de servir de apoio às equipes

socorristas, que descem ao umbral para resgatar as almas que acordam para Deus e, finalmente, pedem ajuda.

E nesse ambiente de amparo aos necessitados de toda ordem, já vai observando, o nosso viajante, que tudo obedece a um comando silencioso, harmonioso, fazendo jorrar de cada entidade responsável o bálsamo que alivia as dores, asserena os corações aflitados pelas suas próprias dores pessoais, preocupados pela lembrança dos antes queridos que deixaram ao partir da matéria.

Logo após a sua chegada a “Nosso Lar”, André Luiz descobre a força que significa a prece de louvor a Deus, embalada por suave melodia; a energia que produz ao ser enunciada com os valores do coração; o bálsamo que invade os seres aliviando as suas dores, consolando, desarmando toda resistência e o medo, fazendo sentir-se de volta ao amoroso colo materno.

Vivia agora experiências novas, aliás, tudo era novo para André Luiz.

No dia seguinte, o médico Henrique de Luna, do Serviço de Assistência Médica da Colônia Espiritual, acompanhado pelo benfeitor Clarêncio, se apresentou para examinar o paciente.

Após algum tempo comentou com Clarêncio:

- É de lamentar que tenha vindo pelo suicídio.

Suicídio? Recordei as acusações dos seres perversos das sombras. Não obstante o cabedal de gratidão que começava a acumular, não calei a incriminação.

- Creio haja engano - asseverei, melindrado -, meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal...

- Sim - esclareceu o médico, demonstrando a mesma serenidade superior -, mas a oclusão radicava-se em causas profundas.

Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo.

E inclinando-se, atencioso, indicava determinados pontos do meu corpo. Vejamos a zona intestinal. A oclusão intestinal derivava de elementos cancerosos, e estes, por sua vez, de algumas leviandades do meu estimado irmão, no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves, se o seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Entretanto, seu modo especial de conviver, muita vez exasperado e sombrio, captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam. Nunca imaginou que a cólera fosse manancial de forças negativas para nós mesmos? A ausência de autodomínio e a inadvertência no trato com os semelhantes, aos quais muitas vezes ofendeu sem refletir, conduziram-no à esfera dos seres doentes e inferiores. Tal circunstância agravou, de muito, o seu estado físico.

Depois de longa pausa, em que me examinava atentamente, continuou:

- Já observou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos, com terrível menosprezo às dádivas sagradas?

Singular desapontamento invadira-me o coração. Parecendo desconhecer a angústia que me oprimia, continuava o médico, esclarecendo:

- Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou. Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável.

Meditei nos problemas dos caminhos humanos, refletindo nas oportunidades perdidas. Na vida humana, conseguia ajustar numerosas máscaras ao rosto, talhando-as conforme as situações. Aliás, não poderia supor que me seriam pedidas contas de episódios simples, que costumava considerar como fatos sem maior significação.

Conceituara, até ali, os erros humanos, segundo os preceitos da criminologia. Todo acontecimento insignificante, estranho aos códigos, entraria na relação de fenômenos naturais.

Então, André Luiz descobre que na Pátria Espiritual não tem Cortes de Justiça a imputar penas aos devedores de toda sorte. A consciência faz a vez da Justiça e pode ser tão ou mais dolorosa que esta, pois as acusações íntimas são constantes e impiedosas.

No dia seguinte apresentou-se Lísias, a pedido do médico Henrique de Luna, que o designou para servi-lo, enquanto precisasse de tratamento. Lísias era visitador dos serviços de saúde. E, auscultando-o reafirma o diagnóstico do Médico na véspera. E continua:

- Na turma de oitenta enfermos a que devo assistência diária, cinquenta e sete se encontram nas suas condições. E talvez ignore que existem, por aqui, os mutilados. Já pensou nisso? Sabe que o homem imprevidente, que gastou os olhos no mal, aqui comparece de órbitas vazias? Que o malfeitor, interessado em utilizar o dom da locomoção fácil nos atos criminosos, experimenta a desolação da paralisia, quando não é recolhido absolutamente sem pernas? Que os pobres obsidiados nas aberrações sexuais costumam chegar em extrema loucura?

- "Nosso Lar" não é estância de espíritos propriamente vitoriosos, se conferirmos ao termo sua razoável acepção. Somos felizes, porque temos trabalho; e a alegria habita cada recanto da Colônia, porque o Senhor não nos retirou o pão abençoado do serviço.

Fazendo os curativos na zona intestinal, esclareceu:

- Não observa o tratamento especializado da zona cancerosa? Pois, note bem: toda medicina honesta é serviço de amor, atividade de socorro justo; mas o trabalho de cura é peculiar a cada espírito. Meu irmão será tratado carinhosamente, sentir-se-á forte como nos tempos mais belos da sua juventude terrena, trabalhará muito e, creio, será um dos melhores colaboradores em "Nosso Lar"; entretanto, a causa dos seus males persistirá em si mesmo, até que se desfaça dos germes de perversão da saúde divina, que agregou ao

seu corpo sutil pelo descuido moral e pelo desejo de gozar mais que os outros. A carne terrestre, onde abusamos, é também o campo bendito onde conseguimos realizar frutuosa labores de cura radical, quando permanecemos atentos ao dever justo.

Meditei os conceitos, ponderei a bondade divina e, na exaltação da sensibilidade, chorei copiosamente.

Lísias, contudo, terminou o tratamento do dia, com serenidade, e falou:

- Quando as lágrimas não se originam da revolta, sempre constituem remédio depurador. Chore, meu amigo. Desabafe o coração. E abençoemos aquelas beneméritas organizações microscópicas que são as células de carne na Terra. Tão humildes e tão preciosas, tão detestadas e tão sublimes pelo espírito de serviço. Sem elas, que nos oferecem templo à retificação, quantos milênios gastaríamos na ignorância?

Assim falando, afagou-me carinhosamente a fronte abatida e despediu-se com um ósculo de amor.

No outro dia, Clarêncio apareceu acompanhado pelo visitante Lísias. Este carinhosamente perguntou:

- Como vai? Melhorzinho?

- Não posso negar que esteja melhor; entretanto, sofro intensamente. Muitas dores na zona intestinal, estranhas sensações de angústia no coração. Nunca supus fosse capaz de tamanha resistência, meu amigo. **Ah! Como tem sido pesada a minha cruz!**

André Luiz entrou em lamúria continuada, lembrando-se das dores da cirurgia, da lembrança da família, da mulher, dos filhos, a morte do corpo, as martirizações no além-túmulo!

Clarêncio, contudo, levantou-se sereno e falou sem afetação:

- Meu amigo, deseja você, de fato, a cura espiritual?

Ao meu gesto afirmativo, continuou:

- Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem comente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável

criar pensamentos novos e disciplinar os lábios. Somente conseguiremos equilíbrio, abrindo o coração ao Sol da Divindade.

O mesmo Pai que vela por sua pessoa, oferecendo-lhe teto generoso, nesta casa, atenderá aos seus parentes terrestres. Devemos ter nosso agrupamento familiar como sagrada construção, mas sem esquecer que nossas famílias são seções da Família universal, sob a Direção Divina. Estaremos ao seu lado para resolver dificuldades presentes e estruturar projetos de futuro, mas não dispomos do tempo para voltar a zonas estéreis de lamentação.

Além disso, temos, nesta Colônia, o compromisso de aceitar o trabalho mais áspero como bênção de realização, considerando que a Providência desborda amor, enquanto nós vivemos onerados de dívidas. Se deseja permanecer nesta casa de assistência, aprenda a pensar com justeza.

E continuou o benfeitor:

Não se interessava pelas remunerações justas, pelas expressões de conforto, com possibilidades de atender à família? Aqui, o programa não é diferente. Apenas divergem os detalhes. Nos círculos carnis, a convenção e a garantia monetária; aqui, o trabalho e as aquisições definitivas do espírito imortal.

Dor, para nós, significa possibilidade de enriquecer a alma; a luta constitui caminho para a divina realização. Compreendeu a diferença? As almas débeis, ante o serviço, deitam-se para se queixarem aos que passam; as fortes, porém, recebem o serviço como patrimônio sagrado, na movimentação do qual se preparam, a caminho da perfeição.

Se ama, em verdade, a família terrena, é preciso bom ânimo para lhe ser útil.

Enquanto meditava a sabedoria da valiosa advertência, meu benfeitor, qual o pai que esquece a leviandade dos filhos para recomeçar serenamente a lição, tornou a perguntar com um belo sorriso:

- Então, como passa? Melhor?

Contente por me sentir desculpado, à maneira da criança que deseja aprender, respondi, confortado:

- Vou bem melhor, para melhor compreender a Vontade Divina.

Estes foram os primeiros momentos de aprendizado de André Luiz, logo após a sua acolhida no Plano Espiritual. Muitos outros momentos se seguiram e continuam, infinitamente, a enriquecer esse nobre espírito.

E para exemplificar o desejo de ajudar e o grau de humildade assumidos, a primeira tarefa voluntária de André Luiz foi a de faxineiro do pavilhão médico onde estava internado.

Meus queridos e amados irmãos em Cristo, quisera eu ter conseguido aproveitar estes minutos preciosos das nossas existências e, com estas palavras, ter atingido seus corações, marcando indelevelmente em suas consciências a necessidade de cumprirmos com as nossas obrigações, perante a Divina Lei do Amor, representadas pelos compromissos que assumimos perante as mais altas autoridades do planeta, responsáveis pelo planejamento das nossas sucessivas reencarnações.

Devemos sempre lembrar que as dificuldades maiores, com as quais nos deparamos, podem ter sido imploradas por nós mesmos.

Por último, aprazaria aos nossos convidados da espiritualidade, que se fazem presentes neste ambiente, se todos nós, movidos pela curiosidade ou pela necessidade de aprender, viéssemos a ler, por inteiro, todas as lições que as obras de André Luiz nos trazem, facilitando o entendimento, alargando horizontes e quiçá, em um futuro próximo, não venhamos a ter necessidade de ficarmos internados em uma das instituições de amparo, no mundo espiritual.

Oferecemos o nosso trabalho em benefício daqueles irmãozinhos que ainda necessitam de serem amparados e que Jesus abençoe a todos, nesta noite, encarnados e desencarnados, e despeça-nos na Sua paz.

Cícero Theresiano Barros

Palestra proferida em 11 de abril de 2015,
na Instituição Beneficente “A Luz Divina,
no 29º Simpósio Espírita.